

DIMENSÕES E LIMITES DA EMPATIA NA COMUNICAÇÃO: explorações na trilha de Husserl e Stein¹

DIMENSIONS AND LIMITS OF EMPATHY IN COMMUNICATION: following Husserl's and Stein's path

Luis Mauro Sá Martino²

Resumo: *Na contramão de certos discursos mercadológico-pragmáticos que colocam a empatia como “estratégia” ou “ferramenta”, este texto procura recuperar sua concepção fenomenológica original, presente em Husserl e Stein, articulando-a com uma perspectiva relacional de comunicação. Para tanto, o conceito é pensado para além da noção comum de “se colocar no lugar do outro” em prol de uma abordagem que ressalta as tensões da empatia, como encontro, presença e conflito, com o comunicar. A proposta desenvolve dimensões da empatia como: (1) componente do encontro sensível e afetivo no ato de comunicação; (2) reconhecimento de si e da alteridade, entrelaçando a singularidade das vivências na formação do espaço comum e (3) elemento presente nos atos comunicacionais pela via das narrativas, relatos e testemunhos que intermediam a relação com o outro. Essas dimensões são vistas em uma perspectiva comunicacional e ética com a alteridade.*

Palavras-Chave: *Empatia. Comunicação. Epistemologia.*

Abstract: *Contrary to some market-driven approaches that place empathy as a ‘strategy’ or ‘skill’, this text underlines its phenomenological conception, as developed by Husserl and, especially, Stein, and its articulation it with a relational perspective of communication. To do so, empathy is thought beyond the common notion of “step in each other’s shoes” in an approach that emphasizes the tensions of empathy, such as encounter, presence and conflict, with communication. The proposal develops three dimensions of empathy as: (1) component of the sensitive and affective encounter in the act of communication; (2) recognition of self and of otherness, intertwining the uniqueness of the experiences to creat a common space and (3) as an element of communicational acts through the narratives, reports and testimonies that intermedate the relationship with the other. These dimensions are seen in a communicational and ethical perspective with otherness.*

Keywords: *Empathy. Communication. Epistemology.*

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação do XXVIII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, 05 a 08 de junho de 2019.

² Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. E-mail: lmsamartino@gmail.com.

1. Introdução

Em seu sentido comum, o termo “empatia” costuma ser entendido como “colocar-se no lugar de outra pessoa”, referindo-se, em uma perspectiva vagamente positiva, a “entender como a outra pessoa está se sentindo”, próxima de “compaixão” ou “pena”, em uma certa “sentimentalização” do conceito, conforme aponta Larocco (2008, p.4). Ao mesmo tempo, a ideia vem sendo apropriada por discursos voltados para o mercado, nos quais “entender o outro” seria uma estratégia de persuasão, motivação ou liderança. A título de exemplo, é tema de um livro da série “Emotional Intelligence”, publicada pela Harvard Business Review (2017).

A concepção aqui é outra.

Este texto delinea algumas articulações entre a noção de empatia, em seu sentido fenomenológico proposto por Husserl (2005) e, sobretudo, Stein (2016), com alguns aspectos do conceito de Comunicação tal como vem sendo debatido, de maneiras diferentes, por Braga (2010), França (2018), Marcondes Filho (2010; 2011), Wolton (2011) e Ferrara (2012; 2013; 2018), entre outros. Ao mesmo tempo, prossegue discussões anteriores sobre Comunicação e a ética da alteridade em trabalhos apresentados no GT Epistemologia da Comunicação da Compós (MARTINO; MARQUES, 2017; 2018). Trata-se de problematizar a empatia em conjunto com a comunicação, sem reduzir um conceito ao outro ou criar, entre ambos, qualquer precedência: são fenômenos próximos, correlatos, interseccionados, mas, ao que tudo indica, sem nexos causais.

O problema pode ser delineado a partir de algumas questões iniciais.

Diante do outro, como posso colocar-me no lugar dele? Quando se problematiza o “estar diante”, há também um “estar fora”, um “exterior”: como chegar até a alteridade e encontrar o eu que lá habita? De que maneira tecer o espaço do comum com a alteridade? Como sentir a experiência do outro sem ser o outro, ou, menos ainda, sem fingir ser o outro ou reduzi-lo às minhas categorias? E esse outro eu, na relação intersubjetiva, como oferecerá sua hospitalidade? A perspectiva de entrelaçamento tensional entre empatia e comunicação pode remeter a um *pathos*, comunicado e comunicável, responsável por possibilitar o compartilhamento de vivências, instaurando-se no “espaço do comum”, conforme Sodré (2014) e Yamamoto (2017), ef mero, próximo do que Ferrara (2013) define como a experiência aberta do “comunicar”, como a o e experiência, em contraposi o a um

elemento fechado, substantivo, da “comunicação”.

Academicamente, como aponta Pereira (2014), o tema da empatia circula sobretudo na área de Psicologia. No entanto, não parecem faltar também trabalhos ligando o conceito à comunicação, e aqui não há pretensão de ineditismo na aproximação proposta. O tema vem ganhando espaço, por exemplo, em pesquisas sobre a empatia do público com personagens de televisão (ESCALAS; STERN, 2003; CHORY-ASSAD; CICCHIRILO, 2005), nas práticas profissionais do Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas (CRUZ; PAIVA, 2017; VIEGAS, 2016; MILLER, 2007; GLÜCK, 2016) e no universo da internet e dos jogos digitais (GOMES, 2009; PEREIRA, 2013; ASSIS, 2017).

Esses trabalhos parecem seguir uma trilha na qual os processos de comunicação se entrelaçam com os elementos de mídia e tecnologia. Neste texto, por outro lado, buscam-se outras aproximações entre comunicação e a empatia sublinhando seu aspecto relacional, que prescinde, embora possa incluir, o elemento técnico-midiático.

A proposta se desenvolve trabalhando três dimensões da empatia (1) como componente do encontro sensível e afetivo, um *pathos*, no ato de comunicação; (2) como reconhecimento de si e da alteridade, entrelaçando a singularidade das vivências, na formação do espaço comum e (3) como elemento presente nos atos comunicacionais pela via das narrativas, relatos e testemunhos que intermediam a relação com o outro.

2. A dimensão do encontro sensível: a comunicação e o ato empático

De raiz grega, “empatia” se organiza em torno da noção de *pathos*, palavra de tradução mais complexa do que seu uso mais corrente como “paixão” ou “emoção” pode sugerir. Embora relacionada a isso, *pathos* refere-se também à uma espécie de “resposta”, emocional ou passional, a uma ação ou acontecimento responsável pelo seu desencadeamento. A irrupção dessa sensação acontece quando há uma relação, algo que se torna presente de maneira imediata ou situada no tempo, no caso da memória ou imaginação.

A palavra, indica Peters (1983), descrevia no vocabulário grego antigo algum tipo de sofrimento, emoção negativa, próximo do que atualmente se identificaria como “patologia” – em certa contradição, talvez com uma nota de ironia, com o uso positivo da noção em alguns discursos pragmáticos contemporâneos.

Essa tendência, segundo Magnavacca (2005), se acentua nas traduções latinas medievais do conceito ao se referirem a *pathos* como *passio*. Isso o desloca para seu aspecto de “sofrer”, não no significado comum da palavra (“alguém está sofrendo”) mas próximo de “ser intensamente afetado”, em um nível emocional profundo que, em última instância, arrisca-se a ser perdido no próprio vazio, o “patético”, além da possibilidade de nomear. A forma “empatia”, no entanto, é moderna, datando do meio para o fim do século XIX (PEREIRA, 2014).

A então recém-criada Psicologia, na segunda metade do século XIX, vai se preocupar com a questão dos “estados mentais” e como investigá-los dentro de uma perspectiva empírica. Isso colocará, sobretudo em Franz Brentano (2014 [1874]) uma questão relacionada à comunicabilidade das de vivências do paciente para o médico. Mais para frente, isso ultrapassará o âmbito da clínica para chegar ao cotidiano: como saber o que se passa, em termos cognitivos e emocionais, com o outro? Qual é a segurança das evidências? Mais ainda, como reconhecê-las como evidências sem ter experimentado as mesmas situações?

Em seu livro *Psicologia de um ponto de vista empírico*, publicado em 1874, Brentano coloca o problema da comunicabilidade dos “estados mentais” e, com isso, da própria comunicação, questionando como ultrapassar o solipsismo:

Além da percepção direta de nossos próprios fenômenos mentais, temos um conhecimento indireto dos fenômenos mentais dos outros. (...) Eles são expressos mais plenamente quando uma pessoa os descreve diretamente em palavras. É claro que tal descrição seria incompreensível, ou até impossível, se a diferença entre a vida mental de dois indivíduos fosse tal que não contivesse nenhum elemento comum. (...) Mas este não é o caso. Pelo contrário, é óbvio que nossa capacidade de comunicação [*mittheilung*] mutuamente inteligível engloba todos os tipos de fenômenos e que nós mesmos somos capazes de formar idéias de estados mentais experimentados por outra pessoa durante uma febre ou outras condições anormais com base em sua descrição (BRENTANO: 2016, p. 38).

Para Brentano, a ligação entre pessoas é construída no momento da expressão, do sentido e da atribuição de significado ao que se sente: um ponto central da comunicação se apresenta na expressividade de uma *pathos* que, compartilhado, desperta no outro sentimentos próximos. Vale notar que Brentano utiliza a palavra “*mittheilung*”, “comunicação de”, para destacar o estabelecimento de uma situação na qual é possível a mútua compreensão dos estados mentais.

Husserl, aluno de Brentano, leva a questão adiante nas *Meditações Cartesianas* e nas *Conferências de Paris*. Embora o termo “empatia” não seja criação sua, ele parece entendê-la como condição de possibilidade da relação intersubjetiva: o encontro com o outro é também um deslocamento do sujeito, trânsito de si mesmo em direção à alteridade – ver também Sanchez (2014). Esse ato se pauta na identificação das vivências, de ver no outro algo de si, estar “por dentro” de suas emoções e paixões, no sentido da palavra alemã “Einfühlung” (MAGANARO, 2004, p. 24, nota 18).

O termo tem dimensões de movimento, de gesto, ação de ir ao encontro do outro: sua antítese não é o “anti-*pathos*”, mas o estático, o indiferente, o “a-*pathos*”. Como afirma Boemer (1984, p. 26), empatia “é uma forma para apreender a essência do fenômeno, pois, para se compreender, há de existir uma relação de empatia de modo que o ‘eu’ que observa o ‘outro’, ao contrário de se excluir, penetra no outro”.

Isso implica também uma lógica de conflito, na contramão de uma perspectiva de “empatia” que a considera de maneira sobretudo positiva. A empatia acontece dentro do que Butler (2016) chama de “cena de interpelação”, na qual a presença do outro cria conflitos latentes em relação ao que se pode sentir da alteridade, ou como ela se dá a conhecer. A identidade de vivências traz conflitos aos sujeitos, recordados que são de experiências, sentimentos e condições negativas de si mesmo no contato com o outro.

Edith Stein (2005), em sua tese de doutorado orientada por Husserl, intitulada *Sobre o problema da empatia*, se dedicará ao assunto em detalhe. A autora trabalha o problema da percepção e compreensão dos estados subjetivos de uma alteridade ao mesmo tempo presente e inalcançável, que se coloca diante de cada um, paradoxalmente, como o mais familiar dos mistérios – o “semelhante dessemelhante”, como define, em clave poética, Octávio Paz. Em Stein, a empatia parece se apresentar como fundamento da relação com o outro, na medida em que permite ter uma noção, ainda que aproximada, do que se passa com a alteridade:

A apreensão das experiências de outras pessoas – sejam sensações, sentimentos ou qualquer outra coisa – é uma modificação da consciência unitária, típica (embora diferenciada de várias maneiras) e requer um nome; para ela escolhemos o termo “empatia”, já usual para uma parte dos fenômenos pertencentes a ela (STEIN, 2005, p. 79).

Para tanto, a empatia transforma-se em ação: é o “empatizar”, princípio de sua abordagem fenomenológica do outro, posicionamento que se aproxima da ideia de tensionar a

“comunicação” na abertura do “comunicar”, seguindo Ferrara (2013). O comunicar parece requerer o “sentir-com”, o “en-pathos”. Nas palavras de Alves (2008, p. 338), a alteridade é “um sentido a descrever, não uma existência a demonstrar”.

Assim, o “saber o que o outro está sentindo” depende, antes, de um vínculo com o que Stein (2005) denomina “sensações originárias” ou “primordiais”, a experiência em primeira mão do sujeito, a partir da qual se orienta a empatia – o “saber a respeito” do outro em uma dimensão cognitiva apontada por Stein. A empatia é uma situação “em que algo não primordial anuncia algo que é primordial”, lembra Kusano (2014, p. 92).

Nesse aspecto, Stein (2005; 2016; 2018) sublinha a presença do corpo na relação de empatia. Se o processo de estabelecimento de uma relação empática tinha, já em Husserl, a perspectiva de elaboração pela consciência de dados sensoriais, o corpo reveste-se de uma importância maior. Com ele, e a partir dele, se pode sentir a alteridade. Esse corpo é a fonte das impressões a serem interpretadas, fundamento da experiência empática.

Adaptando um exemplo da autora, vejo o corpo do outro em uma expressão de dor, alegria ou sofrimento; entendo seu gesto como revolta, descaso, júbilo; seu semblante denota tristeza, felicidade, desafio. Não há como saber, lembra Stein, se ele está sentindo, de fato, o que parece, mas, a proximidade de suas manifestações com as que conheço presumem isso. O processo não é automático, imediato, e menos ainda forçado: o estado do corpo do outro, lembra Sontag (2005), pode muito bem resultar em indiferença minha. Não é possível obrigar a empatia ou torna-la uma estratégia a ser usada com esta ou aquela finalidade: sua dimensão como *pathos* parece comandar algo diferente.

A empatia parece se delinear como um processo aberto de percepção e conhecimento da alteridade que se apresenta e a partir da qual se pode estabelecer uma relação de comunicação. A inexistência dessa abertura empática para o outro dificulta o estabelecimento de uma relação comunicacional na medida em que o terreno comum necessário para isso não é construído.

O conhecer da própria sensação não franqueia acesso imediato ao sentir do outro, mas oferece parâmetros para a ressonância da experiência alheia dentro das próprias limitações. A assimetria do ato comunicacional pode derivar, entre outros aspectos, dessa diferença: o conhecimento da própria experiência não se iguala ao conhecimento da experiência do outro senão em linhas gerais. Isso leva ao segundo ponto.

3. A dimensão do reconhecimento e do encontro

O problema da assimetria entre experiências aparece, sobretudo, na abordagem da empatia como “se colocar no lugar do outro”. Essa definição pode levantar, de imediato, a um questionamento: é possível “se colocar no lugar de alguém” e vivenciar algo que nunca se teve? Como “sentir” o mesmo do que outra pessoa sem que isso resulte, na melhor das hipóteses, em um exercício de imaginação – na pior, na apropriação de um saber ou sentir alheio? Como sentir a experiência do outro sem reduzi-lo às minhas categorias?

No curso de cada vida, as experiências são marcadas pela singularidade, na medida em que estão localizadas não apenas em um tempo e lugar “objetivos”, mas, sobretudo, porque se tratam de momentos na trajetória de uma pessoa, envolvidos na construção de uma subjetividade que não pode ser compartilhada. Como ressaltam Hickson e Beck (2008, p. 382), “a empatia não é sempre bem-sucedida. Pode ser esperado (...) que pessoas respondam com graus variados de empatia dependendo da situação (...)”.

Nesse sentido, a fórmula “eu sei como você está se sentindo” pode não resistir a um esforço maior de explicitação de seu sentido. A frase revela algo que Stein também adverte, utilizando outras expressões: a ilusão do conhecimento pleno da alteridade. O sentir-com da empatia não é “se colocar no lugar do outro”, mas encontrar, na singularidade das sensações de cada um, um ponto comum daquele estado que permite vislumbrar o que se passa no outro, relembra Bello (2000; 2005).

Nas palavras de Barea (2015, p. 95), “nem sempre entendemos o que o outro quer dizer, e nem sempre nos comunicamos com clareza para expressar o que queremos. No entanto, empatizando, capto o máximo que posso do comunicado do outro, seja um comunicado de súplica, de ira, de alegria, etc”.

A comunicação, nesse sentido, parece estar relacionada à um laço de empatia como condição de reconhecimento da consciência e da sensibilidade do outro – um “rostro”, no sentido de Lévinas (2014; 2016), que pode pertencer inclusive ao animal. O vínculo da empatia auxilia a revelar o rosto que se configura no reconhecer da emoção, do sentido e sentimento expresso no outro. Como propõe Alves (2008, p. 353), “a comunidade intersubjetiva se constitui em atos sociais na forma da comunicação”.

No sentido proposto por Stein, recordam Manganaro (2004) e Bello (2006), a empatia permite a criação de um espaço comum relativo às experiências da alteridade, com o qual se torna possível estabelecer uma relação de comunicação. A empatia não é o apagar das diferenças – o que tornaria impossível a comunicação – mas seu reconhecimento e inclusão no processo comunicacional: se, como expressa Ferrara (2013), a comunicação existe na diferença, a empatia, na visão de Stein, delinea uma esfera comum irregular, acidentada, tensionada pelos gestos políticos, desigualdades e ambiguidades que a constituem.

Isso parece se manifestar com especial força na medida em que a empatia, para Stein, se delinea como ação. Isso se reflete pela ênfase no “empatizar”, como verbo, indicando o ato de aproximação entre um eu e um outro pela percepção de semelhanças e identificação de estados comuns com os quais se é, ou está sendo, afetado – uma perspectiva do fenômeno comunicacional em termos de uma “tentativa”, no dizer de Braga (2010), na abertura e no movimento de empatia para com a alteridade.

A partir da noção de uma intencionalidade da consciência derivada de Husserl, Stein parece indicar que a trilha até o outro, na criação de um espaço de comunicação, está ligada a um gesto para identificar elementos comuns e permitir uma aproximação dentro da diferença. Aproximação, por sua vez, não desprovida de dissensos e estranhamentos: empatia não é sinônimo de “harmonia”; ao contrário, há tensionamentos constantes com as relações de poder e assimetrias histórico-sociais existentes na interação entre sujeitos. É preciso também levar em consideração a dificuldade, talvez impossibilidade, de “apreensão” do outro sem fazer disso uma redução ao mesmo, como aponta Lévinas, na “violência ética” à qual se refere Butler (2015).

A proposta de Stein indica uma passagem na direção da alteridade a partir da consciência de si vislumbrada também no outro. Chegar ao outro sem a violência da redução, reconhecendo-o como mistério infinito e familiaridade possível, na abertura para a diferença que, se por um lado é infinita, no dizer de Lévinas, não é absolutamente estranha: o gesto da empatia se apresenta como um início para elaborar uma relação de comunicação.

O ato de empatia encontra, assim, limites na impossibilidade de um conhecimento que não seja o da própria consciência; seu esforço não está na identificação plena de sentimentos e atos cognitivos, mas no desejo de construção de um espaço de comunicação no qual a singularidade das experiências possam ser compartilhadas mesmo em suas assimetrias e

diferenças. A empatia, entendida desta maneira, não se apresenta tanto como ato de se colocar no lugar do outro, mas, antes, como um desejo de aprender o outro.

A construção da empatia, nesse sentido, recordam Savian (2016), Fairbairn (2018) e Gallagher (2012), começa na infância, quando se aprende a reconhecer, nos outros, sensações parecidas com as suas (“ele está alegre”, “papai está feliz”, “ela está com dor”) e percebe que, para além do eu individual, sensações e sentimentos comuns a outras pessoas.

O ato da empatia se aproxima, nesse sentido, do que Ferrara (2008) propõe como “radical indeterminação” do fenômeno comunicacional: trata-se de uma abertura não definida, entrelaçamento tecido durante o próprio ato de comunicação. Nas palavras de Alfieri (2014, p. 42), “por meio do sentir, tomamos consciência de nossa própria nota individual, o que nos permite apreender também a nota individual de outrem”.

Nas palavras de Gracioso e Isatto (2017, p. 63), “se fossemos capazes de perceber de modo originário as vivências alheias, seria muito difícil falar da individualidade de cada eu, pois nosso fluxo de vivências se confundiria com o fluxo das vivências alheias”. E completam: “Mas, por outro lado, se não existir nenhuma possibilidade de captar o que é vivido pela consciência alheia, como seria possível a comunicação entre os seres humanos?”

É possível, assim, pensar a empatia para além de seu sentido comum de “se colocar no lugar do outro”, mas como um “sentir-com” a alteridade que se aprende no movimento. A singularidade das vivências de cada um, a “experiência originária”, como denominada por Stein (2005), não se deixa apreender ou transferir – algo proposto também por Ranieri e Barbosa (2012). No entanto, vivenciamos experiências próximas, semelhantes, que permitem identificar, em termos cognitivos e afetivos, o estado do outro e retomar, como afirma Carolina Cardoso (2012, p. 23), “uma vivência representativa, pois está pautada sobre a percepção de uma pessoa”.

Stein (2005) propõe uma visão nuançada, falando em “graus de empatia”, que se situa além do problema do solipsismo, incorporando a perspectiva da intersubjetividade e da relação como fundamento. E, em particular, na diferenciação entre as experiências vividas em termos do que pode ou não ser compartilhado, e em quais condições.

“Eu”, “vida”, “alegria”, quem poderia compreender o que significam estas palavras sem tê-las experimentado por si mesmo? Mas ao experimentá-las, não se conhece somente *seu* eu, *sua* vida, *sua* alegria, mas se compreende também o que são o eu, a vida e a alegria em geral. E somente porque o compreende pode conhecer-se e compreender *seu* eu, *sua* vida, *sua* alegria enquanto *eu*, *vida* e *alegria* (STEIN, 2015, p. 83).

A empatia, ao lado da comunicação, se apresenta como um gesto fundador do social na medida em que permite o estabelecimento de relações entre as pessoas, destaca Vanderbergher (2002). Interações, argumenta o autor, ocorrem continuamente: “Mas apenas quando eu me endereço a você, quando entramos de fato em comunicação um com o outro, minhas ações podem motivar as suas, e vice-versa”, afirma, “e então uma unidade mais alta de consciência que constitui a essência da vida social é estabelecida” (VANDENBERGHE: 2002, p. 576).

Um dos espaços para a observação desse fenômeno é a dimensão narrativa da empatia em seu entrelaçamento com o ato comunicacional.

4. A dimensão narrativa, o contar e a escuta

Isso remete a uma das dimensões da relação empática salientada por algumas autoras e autores, como Parrella (1972), Critelli (2015), Peixoto, Mourão e Serpa (2016) e Ritivoi (2018): a narrativa. O sentir com o outro a partir de uma vivência narrada é um dos elementos da empatia – o que inclui, significativamente, a dimensão da escuta.

Paul Zumthor (1993) mostra como a narrativa, especialmente a vocal, está ligada às condições de escuta de uma determinada época, série de sentidos colocados em circulação para conseguir, no ouvinte, o envolvimento com o que é contado.

Parece existir na narrativa uma dimensão de vínculo de quem ouve que permite, diante da personagem, sentir-se “dentro”, ou o mais próximo possível, da história narrada. Isso pressupõe um componente imaginativo, à beira do intuitivo, no ato de empatia ligado à Comunicação: o “colocar-se” caminha próximo do um “imaginar-se”, ressalta Goldie (1999), no lugar do outro operacionalizado pelas próprias vivências anteriores e ciente das limitações decorrentes desse exercício de fabulação. Nas palavras de Stein (2005, p. 103), “através do fenômeno da expressão, sou introduzido nas redes do sentido psíquico e com ele adquire, ao mesmo tempo, um meio importante para a correção de atos de empatia”.

A empatia no ato narrativo parece ser responsável também por estreitar os vínculos de uma relação de comunicação com a alteridade: a narração da experiência abre as possibilidades de um “sentir-com” o outro, seja pela interpelação de uma narrativa testemunhal, seja pela fabulação. O sentir da voz, e recorre-se novamente a Zumthor (1993),

ecoa através da sensibilidade do ouvinte no despertar de emoções, paixões e sentimentos da esfera do vivido, trazendo, assim, a “experiência originária” da alteridade para ressoar na forma de uma vivência de quem escuta.

O ato do testemunho, em particular, parece estar revestido de uma potência de comunicação empática tanto mais forte quanto for a perspectiva de intensidade da narrativa. Como recorda Koltai (2016), a narrativa de testemunho é dirigida a uma alteridade que tende a se identificar com as experiências vividas, estabelecendo laços de comunicação. No entanto, vale apontar também a possibilidade da recusa ao gesto de empatia diante do testemunho: os casos representativos aproximam da indiferença, como recorda Sontag (2005) ou do sentido de uma “banalidade do mal” indicado por Arendt (2006).

Na narrativa, o gesto de empatia se consolida na construção de um espaço comum sustentado pelo entrelaçamento com as vivências da alteridade. Isso pode ser notado com mais nitidez em testemunhos que revelam experiências traumáticas, silenciadas, situações-limite diante das quais a palavra, que talvez se tornasse impossível, vive no dizer do outro.

Esta dimensão recorda que a noção fenomenológica de empatia se distancia de um conceito próximo da “compaixão”, da “pena” ou da “piedade”, necessariamente ao encontro de uma dor, uma dificuldade ou sofrimento. O gesto de empatia aponta outra direção: compreender o diferente, mesmo que a diferença, em alguns casos, seja de ordem normativa ou moral – daí a proposição de Stein (2005) do “empatizar” como processo aberto, não necessariamente da “empatia” como dado fechado.

Não parece haver nenhuma “suavidade”, “generosidade” na empatia: ao contrário, pode se mostrar bastante “dura” quando o exercício de empatizar é dirigido a alguém com quem não se compartilha nenhum valor moral ou afeto imediato. Empatia não demanda identidade prévia de sentimentos, nem sua alteração necessária *a posteriori*, mas o “sentir-com” o outro em um grau e duração limitada. A título de exemplo, Muzskat (2011) e Gamba (2014) analisam a narrativa de vilões, reais ou ficcionais, no sentido de entender suas ações – sem, evidentemente, justificá-las, diminuir sua responsabilidade ou consequências. Como recorda Morin (2006), ecoando Arendt (1996), “compreender não é justificar”.

Diante do testemunho, a experiência empática do ato de compartilhar parece se ligar ao ato de comunicação. As vivências testemunhais parecem abrir brechas a partir das quais se tecem relações comunicacionais, que, em sua singularidade, ecoam situações próximas vividas por inúmeras outras pessoas. Não é demais retomar uma indicação do próprio

Brentano (2016, p. 40) relacionada à consulta de autobiografias no processo de conhecimento dos “estados psicológicos” da alteridade.

Isso não significa, vale lembrar, deixar de lado a singularidade da experiência do outro, mas construir uma aproximação na qual o semelhante não se pretende igual. A narrativa, em seu aspecto testemunhal ou de fabulação, recorda que se trata de um ato distante, no espaço e no tempo, do momento e do lugar no qual se narra – inapreensível em sua totalidade, mas compreensível naquilo que possui em comum com quem ouve.

A condição da escuta, neste ponto, se apresenta como decisiva para o estabelecimento de uma relação de comunicação a partir da empatia. A imaginação necessária para o “sentir-com” a alteridade requer uma atenção interessada no que o outro narra, uma escuta pautada na sensibilidade para compreender o dizer, não somente o dito – retomando Lévinas – em uma integralidade apenas vislumbrada, mas nem por isso menos sentida, por outrem. A escuta requer uma “outra maneira de escutar”, diz Liesbeth Lipari (2009, p. 56): “ouvir outramente é receber bem o outro, mas como um *outro*, um convidado, um ‘não-eu’”.

O exercício da empatia na relação de Comunicação não depende necessariamente da quantidade de tempo dedicada à alteridade, mas da intensidade da atenção comprometida na aproximação e escuta do outro. Não por acaso, Simone Weil (2005) ao destacar a importância da atenção como fundamento da relação com a alteridade: para receber o olhar que interpela, a voz que se dirige, a expressão que convoca, é necessário uma atenção direcionada ao outro no estabelecimento de um terreno comum na diferença, tornando possível a comunicação.

A construção da empatia na comunicação pode ser trabalhada, neste sentido, como uma dupla hospitalidade da narrativa e da escuta. Hospitalidade da narrativa: no momento da abertura de uma história para a alteridade, quando então algo é tornado presente novamente, algo é desvelado, mostrado em seu sentido – a narrativa requer não apenas a coragem de dizer, mas de mostrar-se, acolhendo o outro na história. Hospitalidade na escuta: o ato contínuo de receber a narrativa do outro como potência da relação empática, procurando, para além do ouvir, o sentir da alteridade que se apresenta.

Quando isso não ocorre, pode haver um deslocamento da experiência alheia em um pseudo lugar de vivência, observação e fala (um homem dizendo como uma mulher “se sente”, uma pessoa de classe alta explicando como é viver em situação de vulnerabilidade econômica). A aproximação empática, se entendida como compreensão da vivência de um biográfico único, parece encontrar várias negativas, sendo uma das primeiras ainda de ordem

ontológica: não é possível “estar no lugar de alguém” a não ser a partir de um exercício imaginativo de validade questionável.

Uma postura dessas, reduzida ao absurdo, comprometeria qualquer ato narrativo, tanto em sua dimensão estética quanto epistemológica: não seria possível se identificar ou emocionar com nenhuma outra história ou narrativa exceto a própria, colocando diretamente problemas para a questão da mimese e da catarse no âmbito da literatura, da ficção e da arte (sem empatia não seria possível se emocionar lendo um livro, assistindo um filme, etc.).

Amanda Santos (2016, p. 53) define isso ao escolher a narrativa ficcional como objeto de uma pesquisa sobre ética e alteridade: “Lancei mão da literatura por ser um pouco mais fácil falar sobre a vida e o viver. Olhar para outrem também é dar-lhe lugar e conforto”.

Considerações finais

Quando olho nos olhos de uma pessoa, seu olhar me responde. Me deixa penetrar por dentro ou me rejeita. É o senhor de sua alma, pode abrir e fechar suas portas. Pode sair de si mesmo e entrar nas coisas. Quando as pessoas se olham, estão frente a frente um eu e outro eu. Pode ser um encontro no limiar ou no interior da pessoa. Se é um encontro interior, o outro é um tu. O olhar do humano fala (STEIN, 2016, p. 94).

Trabalhando o conceito de comunicação enquanto um fenômeno existente na relação com uma alteridade, é possível observar algumas contribuições oferecidas pela noção de empatia para uma compreensão dos processos comunicacionais. Buscar o comunicacional, como recorda Signates (2012), é parte de um processo de conhecimento do elemento epistemológico da Comunicação. Aqui, buscou-se esse “desenhanmento” em suas relações com a empatia, em um nexos de proximidade, não causal.

A empatia, em sua formulação fenomenológica, dialoga com a Comunicação de mais de uma maneira. Ao criar um espaço de reconhecimento mútuo, abre a possibilidade de construção de um vínculo de comunidade que leva em consideração a diferença como ponto fundamental de toda a relação e, ao mesmo tempo, aponta para a existência de elementos comuns, sobretudo no campo da emotividade e da sensação, responsáveis por permitir o entendimento do outro.

Como assinala Gabrina Pounds (2010, p. 140), a empatia é um “conceito altamente complexo e difícil de definir e medir, levando em consideração suas dimensões cognitivas,

afetivas, comportamentais e semióticas”. As dimensões apontadas neste texto, como aproximação sensível, reconhecimento e narrativa, relacionam-se de maneira diferente com a comunicação, ora envolvendo-se no processo, ora facilitando as condições de sua existência.

Caminhando de maneira paralela aos fenômenos de Comunicação, ao qual está ligada sem se confundir, a empatia, apresentando-se como um “sentir junto”, permite vislumbrar o ponto de vista – e o ponto de fala – da alteridade a partir de uma noção de proximidade, não exatamente de identificação ou usurpação, mas trabalhando em um descentramento do indivíduo no movimento rumo ao outro. Essa dimensão dinâmica da empatia a coloca como um ato não dado, mas continuamente reelaborado enquanto possibilidade existente na relação com a alteridade.

Dessa maneira, a empatia se apresenta como a possibilidade de “sentir-com”, não “sentir no lugar” do outro. A vivência originária permanece inapropriável por outrem; no entanto, na abertura da generalidade de sua experiência é possível traçar uma aproximação que permite não apenas construção de um espaço comum, mas abre caminho para a resposta à interpelação de outrem no espaço da comunicação.

Referências

- ALFIERI, F. **Pessoa humana e singularidade em Edith Stein**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- ARENDT, H. **Eichmann em Jerusalém**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- ASSIS Jr., F. P. **Sociopatas digitais: comportamento antissocial e empatia em ambientes virtuais**. São Paulo: PUC-SP, 2017 (Dissertação de Mestrado).
- BAREA, R. **O tema da empatia em Edith Stein**. Santa Maria: UFSM, 2015 (Dissertação de Mestrado).
- BELLO, A. A. **Fenomenologia do Ser Humano**. Bauru: Edusc, 2000.
- BELLO, A. A. **Fenomenologia e Ciências Humanas**. Bauru: Edusc, 2005.
- BODIE, G. D.; VICKERY, A. J.; CANNAVA, K.; JONES, S. M. The Role of “Active Listening” in Informal Helping Conversations. *Western Journal of Communication*. Vol. 79, No. 2, March–April 2015, pp. 151–173.
- BOEMER, M. R. Empatia — proposta de abordagem fenomenológica. **Revista da Escola de Enfermagem**, no. 5(1), 1984, pp. 23-29.
- BOIS, D.; AUSTRY, D. A emergência do paradigma do sensível. **Ambiente Educação** - Volume 1 - No 1 - Jan/Julho 2008, pp. 1-20.
- BRAGA, J. L. Nem rara, nem ausente - tentativa. Trabalho apresentado no 20o. Encontro da Compós. Rio de Janeiro, junho 2010.
- BRENTANO, F. **Psychology from an empirical standpoint**. Londres: Routledge, 2016.
- CARDOSO, C. R. D. Contribuições de Edith Stein para a epistemologia das ciências e para a psicologia científica. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, 2012 (Dissertação de Mestrado).
- CHORY-ASSAD, R. M.; CICCHIRILLO, V. Empathy and Affective Orientation as Predictors of Identification with Television Characters. **Communication Research Reports**. Vol. 22, No. 2, Jun. 2005, pp. 151 – 156.
- CRUZ, T. C.; PAIVA, D. H. O. A Empatia na Publicidade. Trabalho apresentado no XIX Intercom Nordeste. **Anais...** Fortaleza, 29 de junho a 1 de julho de 2017.
- ESCALAS, J. E. STERN, B. B.; Sympathy and Empathy: Emotional Responses to Advertising Dramas. **Journal Of Consumer Research**, Vol. 29, no. 1, March 2003.
- FAIRBAIRN, G. J. Reflecting On Empathy. IN: NELENS, R. J.; THEO, L. J. (orgs.) **Exploring Empathy**. Boston: Brill, 2018, pp. 21-38.
- FERRARA, L. D'A. A comunicação entre hábito e consciência. Trabalho apresentado no 21o. Encontro da Compós. Juiz de Fora, junho 2012.
- FERRARA, L. D'A. A epistemologia de uma comunicação indecisa. Trabalho apresentado no 22o. Encontro da Compós. Salvador, junho 2013.

- FERRARA, L. D'A. **A comunicação que não vemos**. São Paulo: Paulus, 2018.
- FONTGALLAND, R. C.; MOREIRA, V. Da empatia à compreensão empática. **Memorandum**, no. 23, 2012, pp. 32-56.
- FRANÇA, V. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê?. In: MOTTA, Luiz Gonzaga; FRANÇA, V., PAIVA, R. e WEBER, M. H. (orgs.) **Estratégias e culturas da comunicação**. Brasília: Editora UnB, 2001.
- GALLAGHER, S. Fenomenologia da intersubjectividade. **Revista Filosófica de Coimbra**. Nº 42, 2012, pp. 557-582.
- GAMBA, J. **Cara de vilão**. Porto Alegre: UFRGS, 2016 (Dissertação de Mestrado).
- GLÜCK, A. What makes a good journalist? Empathy as a central resource in journalistic work practice. *Journalism Studies*, 2016 Vol. 17, No. 7, 893–903,
- GOLDIE, P. How We Think of Others' Emotions. **Mind & Language**, Vol. 14. No. 4 December 1999, pp 394–423.
- GOMES, R. Alice Através dos Neurônios-Espelho: empatia e personagens autônomos nos videogames. Trabalho apresentado no XXXII Intercom. **Anais...** Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009
- GRACIOSO, J.; PARISE, M. C. I. Eu puro e empatia segundo Edith Stein. **Argumentos**, ano 9, n. 18 , jul./dez. 2017, pp. 60-73.
- GUIMARÃES, G. A.; CAMARGO, L. O. L. Influência e importância da empatia na hospitalidade. Trabalho apresentado no 13o. ANPTUR. **Anais...** São Paulo, 28 a 30 de Novembro de 2016.
- HICKSON, M.; BECK, C. M. Genetic, Neurological, and Social Bases of Empathy **Human Communication**. Vol. 11, No. 3, pp. 367 – 390.
- HUSSERL, E. **Meditações Cartesianas e Conferências de Paris**. Rio de Janeiro: Gen, 2016.
- KUSANO, M. B. **A antropologia de Edith Stein**. São Paulo: Ideias e Letras, 2014.
- LAROCCO, S. Empathy as orientation rather than feeling. IN: NELENS, R. J.; THEO, L. J. (orgs.) **Exploring Empathy**. Boston: Brill, 2018, pp. 1-16.
- LÉVINAS, E. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Ed. 70, 2014.
- LÉVINAS, E. **Entre nós**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LIPARI, L. Listening otherwise: the voice of ethics. **The international journal of listening**. No. 23, Vol. 1, 2009, pp. 4-59.
- MAGNAVACCA, S. **Lexico Técnico de Filosofía Medieval**. Buenos Aires: Miño, 2005.
- MANGANARO, P. Alteridade, filosofia, mística: entre fenomenologia e epistemologia. **Memorandum**, no. 6, pp. 3-24, 2004.
- MARCONDES FILHO, C. A Comunicação no sentido estrito e o Metáporo. Trabalho apresentado no 21o. Encontro da Compós. Juiz de Fora, junho 2012.
- MARQUES, A. C. S.; MARTINO, L. M. S. **Ética, Mídia e Comunicação**. São Paulo: Summus, 2018.

- MARTINO, L. M. S. **Estética da Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MARTINO, L. M. S.; MARQUES, A. C. S. A afetividade do conhecimento na comunicação. Trabalho apresentado no GT Epistemologia da Comunicação do 26o. Encontro da Compós. São Paulo: Cásper Líbero, 05 a 08 de junho de 2017.
- MARTINO, L. M. S.; MARQUES, A. C. S. A comunicação como ética da alteridade. Trabalho apresentado no GT Epistemologia da Comunicação do 27o. Encontro da Compós. Belo Horizonte: PUC-MG, 06 a 09 de junho de 2018.
- MILLER, K. I. Compassionate Communication in the Workplace. *Journal of Applied Communication Research* Vol. 35, No. 3, August 2007, pp. 223-245.
- MUSZKAT, S. **Violência e Masculinidade**. São Paulo: Pierson, 2011.
- PARRELLA, G. Image and Mirror: Empathy in Language. **Western Speech** Fall 1972
- PEIXOTO, M. M.; MOURÃO, A. C. N.; SERPA Jr., O. D. O encontro com a perspectiva do outro. **Ciência & Saúde Coletiva**, 21(3):881-890, 2016
- PEREIRA, J. S. Algumas reflexões sobre o conceito de empatia e o jogo de RPG no ensino de história. Trabalho apresentado no 27o. Simpósio Nacional de História. **Anais...** Natal, 22 a 26 de julho de 2013.
- PEREIRA, N. C. **Empatia: uma (des)construção teórica e clínica**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2014 (Dissertação de Mestrado).
- PETERS, F. R. **Léxico filosófico Grego**. Lisboa: Ed. 70, 1983.
- POUNDS, G. Empathy as 'appraisal': A new language-based approach to the exploration of clinical empathy. **Journal of Applied Linguistics and Professional Practice**. Vol 7, no.2, 2010 139-162
- RANIERI, L. P.; BARREIRA, C. R. A empatia como vivência. **Memorandum**, no. 23, 2012, pp. 12-31.
- SAMPAIO, L. R.; CAMINO, C. P. S.; ROAZZI, A. Revisão de Aspectos Conceituais, Teóricos e Metodológicos da Empatia. **Psicologia, Ciência e Profissão**. Vol. 29, no. 2, 2009, pp. 212-227.
- SANCHEZ, D. G. Estranheza e propriedade: a experiência da empatia em Edmund Husserl. **Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia**. Vol. 3, no. 2, 2014, pp. 99-111.
- SANTOS, A. R. **Ética da Alteridade: cuidado e responsabilidade no encontro com outrem**. Volta Redonda: UFF, 2016 (Trabalho de Conclusão de Curso).
- SIGNATES, Luiz. O que é especificamente comunicacional nos estudos brasileiros de comunicação na atualidade. In: BRAGA, J. L.; GOMES, P. G.; FERREIRA, J.; FAUSTO NETO, A. **10 perguntas para produção do conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: Unisinos, 2013.
- SONTAG, S. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- STEIN, E. **Sobre el problema de la empatia**. Madrid: Trotta: 2005.
- STEIN, E. **La estructura de la persona humana**. Madrid: BAC, 2016.
- STEIN, E. **Ser finito e ser eterno**. México D. F.: FCE, 2015.

VANDENBERGHE, F. Empathy as the foundation of the social sciences and social life. **Sociedade e Estado**. Brasília: Vol. 17, no. 2, julho / dezembro 2002, p. 563-585.

VIEGAS, D. Discurso afetivo e contrato de comunicação na Vida Simples: a empatia por meio de comentários de leitores no Facebook. Trabalho apresentado na 17^o Intercom Sul. Curitiba, 26 a 28 de maio de 2016.

WOLTON, D. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

ZUMTHOR, P. **A letra e a voz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.